

Paixão declarada pela Ceilândia

RENATO ARAÚJO

ALINE TORRES

Violência, desemprego, falta de opções de lazer, ruas descuidadas... A lista de problemas é extensa e quem vive lá sabe citar todos de cor. Mas se as dificuldades são muitas, as qualidades também não são esquecidas pelos moradores de Ceilândia, que demonstram o carinho que têm pela cidade que os acolheu, e que hoje completa 30 anos.

"Eu cheguei há 29 anos, vinda lá da vila do Iapi, como dezenas de outras famílias. Me lembro que era tudo mato e nos unimos para limpar nossos terrenos", conta a dona de casa Elísia Pereira Queiroz, 52 anos, que acompanhou a mudança rápida da cidade. Viu chegar outras famílias e serem erguidas mais a mais casas em meio ao cerrado. A única filha, Indiara da Silva, 15 anos, nasceu lá. E foi aumentando o amor de Elísia pela cidade. "Tenho orgulho de ter visto tudo isso crescer, das amizades que fiz aqui e não trocava Ceilândia por nenhum outro lugar do DF", diz.

Mesmo quem chegou há

menos tempo e já conheceu a cidade com os problemas que todos costumam apontar, sabe valorizá-la. "Tudo o que tenho hoje foi conseguido aqui. Como posso dizer que não gosto de um lugar desse?", pergunta o ambulante Francisco Salismar Maia, 50 anos, que chegou a trocar o Nordeste por São Paulo, mas há oito anos está em Ceilândia.

Francisco tem duas barracas de calçados próximas à Feira Central e afirma que só depois que veio morar em Ceilândia (por causa da "propaganda" dos irmãos que já viviam aqui) pôde sustentar mulher e os três filhos com mais dignidade. "Foi uma ótima escolha porque morei 20 anos em São Paulo e não consegui metade do que tenho hoje, inclusive minha casa. Com certeza, não saio daqui", diz Francisco, que elogia o desenvolvimento do comércio da cidade.

Até mesmo os jovens, que reclamam geralmente de terem que procurar diversão à noite em Taguatinga ou no Plano Piloto, acham que a cidade tem lá o seu charme. Eugênio Machado, 20 anos, militar, nascido em Ceilândia e



Marileide (D), com a amiga Andréia: "Só queria que meus pais também viessem para Ceilândia"

morador do P Norte, diz que faltam, por exemplo, um shopping e clubes para a juventude. Mesmo assim garante que a cidade já faz parte dele. "Ou eu da cidade, não sei... sei é que não quero mudar. Tenho amigos de longa data, conheço tudo aqui e acho que a gente tem que dar valor a essas coisas".

A maioria das crianças que cresce nas casas geminadas e brincam nas ruas e praças de lá, também demonstra esse sentimento logo cedo. Basta uma conversa rápida com elas para perceber isto. "Minha mãe quer se mudar para o Recanto das Emas, porque ganhou um lote, mas eu já disse que não quero ir

de jeito nenhum; tenho muitos amigos aqui, principalmente na minha rua, onde conheço todo mundo, além de um monte de lugar para brincar", afirma Jéssica Santos, nove anos, enquanto dá um intervalo entre as brincadeiras com as dezenas de amigas na Praça do Cidadão, na QNM 18.